

As Pastilhas do Imperador

Ao Democrito Rocha

Na mocidade fui sempre um dançador imoderado, e, nos realces das salas, o meu porte e o meu físico tinham na crista altanerias de orgulho e convicções de valor atiradas à galantaria. Isto valorizou-me os incidentes ideais da vida, mas também...

O incidente decorreu em uma noite fortemente trovejada, com bátegas diluviosas e, sobretudo, crivada de relâmpagos contínuos e impertinentes. Dez horas, ou pouco mais. A soldadesca do destacamento já dormia no seu alojamento, e, nós, os dois batedores do Imperador, no aposento contíguo ao do Comandante ainda conversávamos no que dois rapazes podem conversar, quando sentem nela acastelarem-se sonhos róseos sôbre as nuvens resvaladias do futuro.

Nessa noite a guarda não correrá atrás do coche imperial porque o Monarca não fôra ao Lírico ouvir a Ristori. Comentávamos êste fato excepcional e raro, que nos privara também de ouvir a grande atriz da época, quando o soldado de plantão empurrou a porta do aposento e depois de fazer a continência do estílo, disse-me apressadamente:

— Senhor cadete, o Comandante o mandou chamar.

Dei um salto da cama. O apêlo àquela hora era estranho e intrigante:

— Para que?... Sabes?

—Está com êle um estafeta do Paço... chegou da Quinta neste momento e me parece que trouxe uma ordem do Imperador.

Naquele tempo o telefone era uma utopia. As ordens de Palácio, que ficava pouco distante da caserna do destacamento, eram trazidas por estafetas.

Fardei-me às pressas e deveras preocupado e, enquanto o fazia, lembrei-me deste incidente. Pela manhã a guarda havia corrido para o Arsenal de Guerra e ficou-me a impressão de um olhar demorado e sorridente que o Imperador me lançara ao perfilar-me à sua passagem.

Com mil controvérsias no espírito entrei no aposento do Comandante. Este já estava só e disse-me, como se diz sempre em tons autoritários:

— Monte a cavalo e vá ao Paço. O Imperador mandou o chamar.

Não me mexi.

— Não ouviu?

— Ouvi, comandante, mas...

— Que lhe mandasse lá o batedor mais moço... é portanto o senhor.

— Realmente... sou eu...

Meio aturdido, dei meia-volta e saí. Armei-me atabalhado. Por sua vez, o faxineiro já me havia selado o cavalo. Desafivelei do arção o capote e vesti-o. Apertei sob o queixo o barbicacho de borlas doiradas e montei debaixo de uma pancada d'água imponderável. Atravessei a galope as alamêdas do parque, que iam ter ao planalto, no qual o Palácio da Quinta se anulava num contôrno áspero de sombras.

Desmontei na entrada do torreão esquerdo, onde o sentinela me disse com certo alvoroço:

— Suba. O Veador mandou esta ordem.

Subi nas pontas dos pés para que as rosetas das salteiras não perturbassem o silêncio religioso daqueles corredores; mas, em certo momento, fiquei indeciso. Para onde devia seguir?... Enfim, um archeiro, de pé à entrada de um grande salão plastado de quadros, disse-me animosamente:

— E' aí... entre.

Entrei. O Imperador conversava, frente a frente, com o Veador de serviço. Aproximei-me dos dois e, levando a mão à pala da barretina, militarmente impertigado, gritei:

— Pronto!

O Monarca mediu-me, de cima a baixo, com um arzi-to caricioso. A seguir, com a sua voz fanhosa de ventríloquo, perguntou-me:

— Que idade tem?

— Dezoito anos.

— E' ainda muito jovem... e riu-se, reapanhando novamente no olhar a minha atitude erétil de soldadinho em miniatura. A êsse tempo o Veador me entregava uma carta, transmitindo-me esta ordem:

— E' preciso, com urgência, levar esta carta ao palácio do Visconde de .. Sabe onde é?

— Sei.

Eu não sabia coisa alguma, mas um soldado nunca deve dizer que não sabe. A nobreza obriga, e depois, se o fizer perde o merecimento na promoção da onisciência.

— Então vá — acentuou o Monarca, com um gesto de ânimo.

Tive a boa sorte de ter sido acompanhado até à saída pelo Veador que, entre passos, me vinha recomendando:

— Mas vá depressa. Sua Majestade fica esperando a resposta. Ele o mandou chamar porque deseja que o portador represente, pessoalmente, o conteúdo da carta.

Não compreendi, nem também procurei compreender. Assoberbava-me dificuldade diferente. Voltei-me para o Veador e, manhosamente, arrastei:

— Mas v. excia. vai me dizer onde é...

— Como?... Mas o sr. não disse que sabia?!

— Disse... mas não sei. E, se não me quer dizer, pouco importa, eu adivinharei.

Ele riu-se e, com solicitude, explicou-me, detidamente, o ponto para onde eu me devia dirigir.

Montei a cavalo; mas, de São Cristóvão a Bota-fogo, a distância era respeitável. Pouco me importava isso; era preciso vencê-la de ida e volta pelo menos em uma hora. O meu valor e o meu orgulho estavam comprometidos nessa mensagem, para a qual o portador fôra escolhido sob pontos de vista morais, e quem sabe lá? se também sob os de desempenos físicos.

Meti-me numa galopada vertiginosa. O dezenove, o cavalo reiúno da minha montada, correspondia, com o seu golpe macio, àquêle vôo turbilhado e fantástico através da neblina espessa, que envolvia as ruas encharcadas. As luzes dos combustores passavam-me pelos olhos numa farândola de vagalumes; e foi, já ofegante, que parei em frente ao palacete onde eu devia deixar a missiva imperial. Transpús a cavalo o largo portão do jardim, que uma alamêda extensa ladeava. Dentro do edifício as luzes e a alegria voltilhavam, sacudidas por notas musicais. Uma festa, enfim, de aniversário. Desmontei e subi os poucos degraus de mármore do terraço, ao qual acudiram curiosamente, diversas moças e cavalheiros, e a

frase pretenciosa com que me apresentei correu, de boca em boca, como um retinir festivo de sinos — é um enviado do Imperador! — O próprio Visconde veio ao meu encontro. Tirei da pasta do talim os parabens, quase esquecidos, que o Monarca lhe mandava, à última hora, por um mensageiro de bom porte, e lhos entreguei eriçado nos aprumos de uma fidalguia meditada. Mas, num momento, senti-me rodeado por todos, num círculo apertado de interêsses significativos e risonhos. O Visconde lêra a carta e, entre risos, ponderou:

— Sua Majestade é tão bondoso...

Mas há aqui alguma coisa a responder; enquanto o faço, o sr. vá à copa servir-se de alguma coisa... as meninas o levarão até lá.

De chôfre, senti-me sôfregamente enlaçado pelos dois braços e marchei, quase empurrado, por oito ou dez criaturinhas encantadoras, que borboleteavam em tórno de mim, irizadas de graça, surpreendentes de formosura, turbilhantes de alegria. Foi a filha do Senhor Visconde que me apresentou, com a sua mãozita nobre e delicada, o primeiro cálice, cujo conteúdo bebi, enquanto ela me atirava um olhar interessado, significando nêle, por demais, curiosidades que se adelgaçavam em risos maravilhosos.

— Bem — disse-me ela, — agora, enquanto o papai responde a carta de Sua Majestade, o Senhor vai dançar conosco.

Fiz um gesto escusativo, ela porém, insistiu.

— Não, não!... Fica para dançar. Fazemos questão! O Imperador mandou-o aqui para isso.

Tentei ainda escusar-me:

— Mas... V. Excia. bem vê o meu estado de desalinho... não é possível...

— Ah! Isto se remedia, — e, acrescentou, voltando-se para um criado: — Leva êste moço para o lavatório, tire-lhe o capote e as perneiras e dá-lhe o que êle precisar.

A sugestividade era um narcótico embriagante; senti-me atordado pelas sinfonias admiráveis daquele instrumento vocal dulcíssimo e desconhecido. Nada mais tive que opor. Entrei para o aposento e, quando dêle sai, trazia no porte tôdas as louçanias de um garbo militar. Na minha farda de pano fino cintilavam doiradamente as estrêlas, os botões e as platinas afestoando de brilhos caros a minha figurita ressaltante nas vitrinas da pedantaria. Mas, o que me surpreendeu, deveras, foi ver que a filha do Sr. Visconde, pacientemente me esperava de pé junto da porta. Saiu-lhe dos lábios um oh! especioso e, agarrando-se ao meu braço, levou-me para o salão, onde se dançava freneticamente.

Arrastámos uma valsa francêsa, rodopiante e estonteadora, depois uma polca. Julguei isso suficiente; e, pensando ter correspondido às exigências da Viscondessinha, quis retirar-me. Ela protestou fortemente:

— Oh! Não, não! O papai ainda está escrevendo a carta. Espere mais um pouco. Agora o senhor vai dançar com minha irmã.

Fiquei perplexo. Veio a irmã para o meu braço. Delicada e diáfana, parecia um fio de retrós de ouro sustentando o pêndulo da estética. Outra polca e outra valsa. Era tempo! Insisti para sair.

— Oh! Não! . . . O papai ainda não terminou a carta. Êle é mesmo uma aranha quando escreve, nem o Senhor avalia. E, depois, tem agora de dançar com uma amiguinha nossa. Ela o tem apreciado muito. . . o Senhor dança tão bem. . .

Senti calafrios, mas... veio também a amiguinha, por sinal um pompon de carne e osso com dois olhos férvidos, negrejantes e terríveis. Outra polca e outra valsa... Era demais!... Dirigi-me novamente à filha do Visconde pedindo-lhe a carta, lembrando-lhe a minha responsabilidade. Ela riu-se, exclamando:

— Ora, deixe lá o Imperador! A esta hora já deve estar dormindo...

Ah! Mas, desta vez, não me conformei. Insisti com decisão e fôrça. Fiz da vontade um verdugo e cortei brutalmente o pescoço a tôdas as fantasias e as deixei gotejar sensaboria no soalho parafinado. Afinal, ela soltou uma risada de troça e, tirando de dentro do corpete a maldita carta, ma entregou com a gracilidade destas frases:

— Já a tinha em meu poder há muito tempo. Ei-la aqui... agora pode ir.

Não a esganei para respeitar, apenas, o fio de pérolas que lhe contornava o colo, indefinível no contôrno e na brancura. Fiz sòmente uma risada magra para acomodar o meu crime de lesa-majestade. Fui tomar as perneiras e o talim, atirei o capote sôbre os coldres e despedi-me no terraço entre um novo círculo de alegrias mal traçadas com risadas frescas... apareça!... apareça!...

Tracei a perna no selim e pensei recuperar o tempo das polcas e das valsas noutra galopada desesperadora. O dezenove desenvolvia nas patas um voejar de pássaro. Upa! Upa!... As ruas desertas não me embaraçavam na vertigem desordenada da carreira; mas, por vêzes, me desequilibrava sôbre a sela, com o risco natural de me projetar nos paralelepípedos molhados e escorregadios. Parei numa esquina para perguntar a um guarda a hora que era:

— Pouco falta para meia-noite, — disse-me êle.

Aterrorizado, desenfreei-me ainda mais na carreira vertiginosa; mas o dezenove começava a fraquejar: de onde em onde, um resvalo das patas me obrigava a sustê-lo na queda, até que, na curva de uma rua, escorregou nas ferraduras e plancheou sôbre o flanco direito. Eu e êle fomos ao chão, galhardamente. Levantei-me ileso; fui apagar a barretina e tornei a montar para atirar-me outra vez para a frente num galope olímpico, porfioso e febricitante, como se estivesse a disputar o prêmio da vida num torneio supremo de morte.

Enfim, quando subi as passadeiras felpudas das escadarias, ainda levava a respiração entrecortada. Alimentava uma única esperança — que o Monarca já estivesse recolhido. Mas qual!... Estremeci horrorizado, quando o archeiro, de pé à porta do salão, me disse num tom aborrecido:

— Entre. Sua Majestade está a sua espera.

Entrei e profilei-me. O Veador veio ao meu encontro e entreguei-lhe a resposta do Visconde. Sua Majestade que estava sentado num divã, por sua vez levantou-se, quando o Veador lhe transmitiu a missiva. O Monarca a seguir olhou para mim com certo ar benevolente e ouvi-lhe da boca esta blasfêmia:

— E' admirável! O Senhor foi muito depressa...

Rejubilei. Decididamente Josué pela segunda vez havia feito parar o sol, ou Sua Majestade tinha cochilado ao ponto de ter perdido a noção do tempo. E a minha admiração atingiu ao super-abundante, quando êle, paternalmente, perguntou-me:

— Não se resfriou?

— Não, Majestade.

Tirou do bolso do colête uma caixinha e acrescentou:
— Tome isto, quando se deitar.

Abri a mão enluvada, na palma da qual êle deixou cair duas pastilhas. Fiquei aturdido, mas agradei, embora tí-tubeante. Fiz a continência, meia-volta, depois, e saí com a alma em palpos de alegria.

Radiante, montei a cavalo e, ao passo calmo do dezenove, desci a alamêda ladeirosa que ia ter ao aquartelamento, pensando que o meu feito glorioso não admitia contestação. O faxineiro ainda me esperava, ajudou-me a tirar a roupa, e, cansado, mas enaltecido pelo valor, atirei-me à cama com o espírito a navegar em triremas doiro **por mares nunca dantes navegados**.

E as pastilhas?

Quando as procurei, haviam-se desfeito na palma da mão ao contato da luva umedecida pela chuva; mas curei-me com elas radicalmente, pela osmose dos sentidos, já se vê, e só podia ser assim, porque eram pastilhas... imperiais.